

ANN LIANG

Tudo o  
que eu não  
te disse

Alt



ANN LIANG

Tudo o  
que eu não  
te disse

Tradução  
Carolina Cândido





© ALYSSA LIANG

**ANN LIANG** é formada pela Universidade de Melbourne. Nascida em Pequim, ela cresceu viajando entre China e Austrália, mas de algum jeito hoje fala inglês com sotaque norte-americano. Quando não está escrevendo, pode ser vista elaborando listas extremamente ambiciosas de coisas a fazer, maratonando dramas e tendo conversas profundas com seu bichinho de estimação, que é uma mistura de labrador com poodle. Pela Alt, já lançou *Dessa vez é real* e *Se você pudesse ver o sol*. Você pode encontrá-la em [www.annliang.com](http://www.annliang.com).

# Sumário

[Pular sumário \[ » » \]](#).

[Dedicatória](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Agradecimentos](#)

Créditos

*Para a minha família*

## Capítulo um

**É uma honra esperar do lado de fora** dos portões da escola nesse inverno congelante.

É isso que tenho repetido para mim mesma ao longo da última hora, enquanto estou tremendo por baixo do meu blazer bem passado e vejo minhas unhas ganharem um preocupante tom de roxo. É uma honra enorme. Um privilégio. Um *prazer*. É exatamente o que imaginei quando a sra. Hedge, a coordenadora do meu ano, mandou me chamar no meio da turma avançada de matemática ontem e me pediu para mostrar a escola para alguns pais que viriam visitar.

— Acredito que você seja a pessoa certa para a tarefa — disse ela com um sorriso enorme, as mãos nodosas pousadas com elegância na mesa. — Como capitã da escola, pode explicar para eles o quanto a Academia Woodvale se importa com os alunos e como preparamos vocês para o sucesso. Fique à vontade para mencionar todas as atividades extracurriculares que faz e suas muitas conquistas, como o fato de recentemente ter ficado em primeiro lugar nas finais regionais de atletismo. Os pais vão adorar saber disso.

Eu retribuí o sorriso e assenti com um entusiasmo tão forçado que me deu dor no pescoço.

Meu pescoço ainda está dolorido conforme endireito as insígnias presas no bolso da frente, batendo os pés com força para evitar o que me parece ser uma iminente queimadura de frio. Minha melhor amiga, Abigail Ong, sempre brinca que meu hábito de colecionar insígnias lembra o de alguns passarinhos obcecados por coisas brilhantes. Ela não está errada, sendo bem sincera, mas não fico apenas admirando a pálida luz do sol da manhã refletida nas letras douradas que dizem *capitã escolar*. É uma questão de simbolismo. Cada insígnia que tenho é prova de alguma coisa: que minhas notas são perfeitas, que sou a melhor jogadora de cada um dos times de

que participo, que sou um membro ativo da comunidade escolar, que ajudo na biblioteca local. Que sou inteligente e bem-sucedida, e tenho um futuro brilhante me esperando...

Ouçõ o som de alguém andando na grama seca.

Levanto a cabeça e estreito os olhos para enxergar ao longe. É tão cedo que o estacionamento ainda está vazio, a não ser por um Toyota marrom enferrujado que deve estar ali desde antes de a escola ser construída. Todos os prédios de tijolos vermelhos do campus estão silenciosos, com as janelas fechadas, e as nuvens se erguem sobre as árvores nuas pintadas de um rosa suave, tipo aquarela.

Nenhum sinal de pais parecendo perdidos.

Em vez disso, um rosto terrivelmente familiar aparece e, por força do hábito, todos os músculos do meu corpo se tensionam. Olhos escuros, ângulos marcados, um sorriso afiado como uma lâmina. Aquela única e ridícula mecha de cabelo escuro caindo na testa. O blazer do colégio jogado por cima dos ombros como se estivesse posando para uma revista de alta-costura.

*Julius Gong.*

Meu co-capitão e a maior fonte de sofrimento em minha vida.

Só de ver Julian, sinto um ímpeto de raiva tão puro e visceral que chego a ficar espantada. É difícil acreditar que alguém com uma personalidade tão horrível possa ter uma aparência tão agradável — ou que alguém com uma aparência tão agradável possa ter uma personalidade tão horrível. É o equivalente a abrir uma caixa de presente com lindas fitas de seda, confetes e embalagem brilhante e encontrar uma cobra venenosa lá dentro.

A cobra em questão para a um metro e meio de mim. A grama amarelada e irregular que se estende entre nós é terra de ninguém.

— Chegou cedo — diz ele, em sua habitual fala arrastada, como se não quisesse nem ao menos se dar ao trabalho de enunciar a frase inteira. Em toda a década em que tive a infelicidade de conviver com ele, Julius nunca iniciou uma única conversa com uma saudação apropriada.

— Mais cedo do que você — respondo, como se fosse uma enorme vitória o fato de eu estar aqui há tanto tempo que mal consigo sentir os dedos dos pés.

— É, bom, *eu* estava ocupado com outras coisas.

Entendo a indireta: *sou mais ocupado do que você. Tenho coisas mais importantes para fazer porque sou uma pessoa mais importante.*

— Também sou ocupada — retruco no mesmo instante. — Muito ocupada. Passei a manhã toda resolvendo um assunto urgente após o outro. Na verdade, vim da academia direto para cá...

— Isso parece mesmo urgente. Temo que a economia mundial entre em colapso caso você não faça suas flexões diárias.

*Você só está amargurado porque provei, na última aula de educação física, que consigo fazer mais flexões do que você.* As palavras estão bem na ponta da língua. Seria tão satisfatório dizê-las em voz alta, quase tão satisfatório quanto ganhar dele em outro teste físico, mas deixo para lá. Enfio as mãos nos bolsos. O frio parece estar se espalhando pela minha medula óssea, de uma forma particularmente desagradável que passei a associar aos invernos de Melbourne.

Um dos cantos da boca de Julius se curva em um sorriso, uma expressão tão falsa que preferiria que ele estivesse de cara fechada.

— Frio?

— Não — digo, os dentes batendo. — Nem um pouco.

— Sua pele está azul, Sadie.

— Deve ser a iluminação.

— E você está tremendo.

— De expectativa — insisto.

— Você sabe que a gente só precisava chegar às sete e meia, certo? — Ele arregança a manga da camisa e consulta o relógio. É de uma marca cara demais para que eu possa reconhecer, mas sofisticada o bastante para que saiba que é cara. Na verdade, não ficaria surpresa se ele estivesse verificando as horas só para poder exibir o acessório. — São sete e vinte agora. Há quanto tempo exatamente você está aqui fora como um projeto de estátua humana?

Ignoro a pergunta.

— É lógico que sei disso. Eu estava lá quando a sra. Hedge disse. — Porque logo após a sra. Hedge fazer seu discursinho empolgado sobre representar a escola, Julius também apareceu no escritório dela e, para minha grande irritação, foi incumbido da mesma tarefa. Então, prometi a mim mesma que ganharia dele, que chegaria bem mais cedo na escola, que estaria mil vezes mais preparada, caso alguém chegasse mais cedo

também, e que causaria uma excelente primeira impressão nos pais antes que ele sequer tivesse a chance. Sei que não vamos receber *nota* por isso, mas não importa.

Gosto de manter um placar mental de todos os testes, competições e oportunidades em que Julius e eu nos enfrentamos desde os sete anos de idade, com um sistema de pontos específico que só faz sentido para mim:

- Três pontos por ganhar um dos raros sorrisos de aprovação do sr. Kaye.
- Cinco pontos por atingir uma meta de arrecadação de fundos.
- Seis pontos por ficar em primeiro lugar no torneio de basquete da escola.
- Oito pontos por vencer um debate escolar.

Até o momento, Julius está com 490 pontos. Eu estou com 495, graças ao teste de história em que fiquei em primeiro lugar na semana passada. Ainda assim, não posso me acomodar. Se acomodar é coisa de perdedor.

— É melhor eles chegarem logo — comenta Julius, verificando o relógio de novo. Um ar vagamente americanizado nas palavras faz o desdém na voz dele soar mais pronunciado. Já faz algum tempo que suspeito que esse sotaque seja falso. Ele só pisou nos Estados Unidos para visitas ao campus; não tem sentido nenhum que ele fale assim, a não ser por querer parecer especial. — Não estou nem um pouco a fim de congelar.

Reviro os olhos. *O mundo não existe para te agradar*, quero retrucar. Mas o mundo deve existir para rir da minha cara, porque no mesmo instante, como se Julius tivesse manifestado a existir no mundo deles, quatro carros entram no estacionamento. As portas se abrem com um clique, uma a uma, e uma titia sai de cada veículo.

*Titia* é a palavra mais precisa em que consigo pensar para descrevê-las. Não quero dizer como se fossem parentes de sangue (se bem que minhas tias são todas, com certeza, bem titias), mas como um estado de espírito, um modo particular de existência. Ele pode ser sentido, pode ser visto, mas não pode ser definido com precisão. Há as características próprias bem marcadas, como os permanentes gigantescos, as sobrancelhas de micropigmentação, as bolsas da Chanel, o valioso pingente de jade

amarrado com um cordão vermelho barato. Mas também há variações perceptíveis entre elas.

Por exemplo, a primeira tia a chegar aos portões usa saltos de quinze centímetros e um lenço verde néon tão brilhante que poderia fazer as vezes de semáforo. A tia que vem logo depois dela está vestida com cores mais discretas e tem feições naturalmente severas que me lembram da minha mãe.

Não me surpreende que os pais interessados em mandar seus filhos para a nossa escola sejam, coincidentemente, todos asiáticos. Formamos pelo menos noventa por cento do corpo discente da Academia Woodvale, e essa é uma estimativa um tanto conservadora. *Como* isso aconteceu é uma pergunta do tipo “o ovo ou a galinha”. As crianças asiáticas estão aqui porque seus pais queriam que elas frequentassem uma escola de ensino médio exclusiva para alunos superdotados? Ou os pais foram atraídos para essa escola porque ouviram dizer que havia um monte de crianças asiáticas aqui?

Sei que no caso da minha mãe foi a segunda opção. Uma semana após meu pai ir embora, ela me retirou da escola primária católica praticamente só de brancos em que eu estudava e fez com que nos mudássemos para o outro lado da cidade. *É bom estarmos cercadas pela comunidade*, disse ela, a voz tão cansada que eu não conseguia pensar em nada além de concordar com o que ela quisesse, naquele dia e em todos os dias que se seguiriam. *Pessoas que nos entendem*.

Julius se movimenta ao meu lado e eu volto ao presente. Quando ele avança, dou um passo mais rápido à sua frente, o sorriso de estudante-modelo se encaixando no lugar. Eu o pratico todos os dias na frente do espelho.

— *Ayi, shi lai canguan xuexiao de ma?* — digo no meu melhor mandarim. *Você veio fazer o tour da escola?*

A primeira tia pisca na minha direção e, em seguida, responde em um inglês suave, com um sotaque americano que poderia fazer inveja ao de Julius:

— Sim, vim.

Sinto meu rosto queimando. Sem nem mesmo precisar olhar, percebo a alegria silenciosa de Julius, seu prazer em me ver constrangida. E antes que eu possa me recuperar, ele faz sua grande entrada, com a coluna reta,

o queixo erguido, a curva presunçosa da boca se alargando em um sorriso caloroso.

— Olá — diz ele, porque nunca tem problemas em cumprimentar *outras* pessoas. — Sou Julius Gong, o capitão da escola, e vou mostrar o campus para vocês esta manhã.

Limpo a garganta.

Ele ergue uma sobrancelha escura para mim, mas não diz mais nada.

Limpo a garganta de novo, mais alto.

— E essa é a Sadie — acrescenta ele após um instante, balançando a mão displicente para mim —, a outra capitã.

— Capitã da escola — não posso deixar de enfatizar. Meu rosto está ficando dolorido de tanto sorrir. — Sou capitã da escola. E também estou quase confirmada como oradora.

— Sinceramente, acho que elas não estão nem aí para isso — murmura Julius em meu ouvido, com a voz baixa o suficiente para que só eu consiga ouvir, a respiração quente apesar do tempo gelado.

Tento agir como se ele não existisse. Isso se torna um pouco difícil pelo fato de que as quatro tias estão ocupadas analisando Julius da cabeça aos pés, como se estivessem tentando avaliar um futuro genro.

— Quantos anos você tem? — pergunta uma das tias.

— Dezesete — responde Julius imediatamente.

— É bem alto para a idade — comenta outra tia. — Qual é a sua altura?

Julius a encara com toda a paciência do mundo.

— Um metro e oitenta.

— Bem alto *mesmo* — analisa ela, como se fosse uma façanha impressionante, comparável à cura do câncer. *É só genética*, fico tentada a dizer, embora, é óbvio, eu me contenha. *Ele literalmente nem precisou fazer nada*. — E há quanto tempo você estuda nesta escola?

— Dez anos — responde ele. — Quase minha vida toda.

Pressiono a língua contra os dentes. Poderia ter respondido essa parte por ele. Seja por maldição ou coincidência — estou inclinada a achar que por *maldição* —, entramos na Academia Woodvale no mesmo ano. Eu era a garota quieta e tímida, a novata com quem ninguém queria andar, enquanto *ele* era o interessante, o misterioso, o descolado sem precisar se esforçar. Agia como se já soubesse que um dia teria total controle sobre o

lugar, absorvendo tudo com aquele olhar escuro e calculista. Então, na aula de educação física, fomos colocados em equipes opostas para um jogo de queimado. No segundo em que a bola foi parar nas mãos dele, seus olhos deslizaram na minha direção. Me tornaram um alvo. Era como aqueles documentários de animais do David Attenborough em que você assiste em câmera lenta à serpente se aproximar da presa. Eu era o coelho; ele, a cobra.

De algum modo, entre os trinta e poucos alunos naquele ginásio mal ventilado e que cheirava a suor, ele *me* escolhera como a pessoa a ser derrubada. Mas eu era excepcionalmente boa em me esquivar, leve e com movimentos rápidos. Toda vez que ele mirava em mim, eu me desviava do caminho. No final, só restávamos nós dois. Ele continuou jogando a bola. Eu continuei desviando. Era bem capaz que isso tivesse durado até a última aula do dia, mas os outros alunos começaram a ficar cansados de esperar e o professor teve de intervir e decretar um empate.

A partir daquele momento, Julius Gong se tornou a grande pedra no meu sapato. O problema é que ninguém mais parece compartilhar minhas frustrações, porque ele só mostra as garras para mim.

Na verdade, as tias já estão encantadas por ele. Ele ainda está sorrindo e assentindo, fazendo perguntas sobre a saúde das tias, o que gostam de cozinhar e falando da feira de orgânicos que está por vir (tenho certeza de que Julius nunca pisou em nenhum lugar com *orgânicos* em toda a sua vida) e elas estão engolindo a conversinha toda. Quando uma das tias pergunta sobre as notas dele, ele faz uma pausa, vira a cabeça alguns centímetros na minha direção e seu sorriso assume um ar presunçoso que só eu consigo perceber.

— Ah, são boas — responde ele, com falsa modéstia. — Eu recebi o Prêmio de Aluno Destaque em inglês no semestre passado. E em química. E economia. E física.

— *Wah!* — As tias arfam em um mandarim sincronizado. Ele não conseguiria uma plateia melhor nem que pagasse. — Isso é incrível.

— Você é tão inteligente.

— Se sair tão bem em uma escola tão competitiva? Você deve ser um gênio.

— Bonito *e* inteligente. Seus pais criaram você muito bem.

Posso sentir o sangue fervendo dentro de mim, o vapor queimando minha garganta. Para o resto do mundo, ele pode ser um anjo, um aluno perfeito com um rosto bonito. Mas eu sei o que ele é de verdade — quem ele é de verdade.

— É melhor começarmos logo a visita — digo com a voz doce, cerrando os dentes por trás do sorriso falso. — Temos muitas coisas para ver. Como vocês são quatro... posso mostrar a escola para vocês duas. — Faço um gesto para as tias que estão mais próximas de mim. Nenhuma delas parece particularmente feliz com esse arranjo. A tia com o cachecol verde até solta um suspiro sonoro de decepção, o que é sempre encorajador. — E o Julius pode mostrar o espaço para as outras duas.

As outras duas mulheres vão para trás dele no mesmo instante, e Julius abre os portões de ferro forjado com toda a facilidade de um anfitrião em sua festa.

— Com prazer — diz ele. — Me sigam.

No fundo da minha mente, os números piscam como um sinal de alerta:

*Três pontos para Julius.*

## Capítulo dois

**Passo a hora seguinte falando** até a garganta doer.

Não é como se o campus da escola fosse tão grande assim: temos três prédios no total, todos projetados no mesmo estilo retangular e sem graça, com janelas de moldura branca e telhados com forma de triângulo, espalhados ao redor do pátio principal.

A questão é que tenho muitas coisas para explicar.

Como, por exemplo: o porquê das fotos dos professores mais antigos terem sido cortadas e coladas no teto.

— É um gesto de gratidão e respeito — digo a elas, porque *pegadinha* não seria a palavra apropriada para aquele momento. — Alunos e professores são muito próximos na Woodvale, e somos incentivados a nos expressar de maneiras, hum, criativas. Sempre que caminhamos por esses belos corredores, somos lembrados de que nossos professores estão sempre nos observando de cima. Como, talvez, anjos. Ou Deus.

Ou porque há uma enorme estátua de um burro verde no meio do saguão quando o nosso mascote deveria ser um cavalo e as cores da nossa escola são azul e branco.

— Os burros são simbólicos — comento, uma mentira inventada na hora. Na verdade dizem que, nossa vice-diretora, que encomendou a maldita estátua, não consegue distinguir muito bem cores ou animais. Poderia ter sido pior, eu acho; ela poderia ter encomendado uma estátua de uma vaca. — Eles representam a determinação, o trabalho árduo e a garra: todos valores escolares cruciais que levamos a sério.

Ou porque a programação no quadro de avisos diz que nossa próxima assembleia acontecerá às 9h, 10h, 10h20, 15h, 15h35 e, de alguma forma, também às 20h.

— Gostamos de ser bastante flexíveis — digo, conduzindo-as adiante. — É óbvio que há apenas *um único* horário para a assembleia e todos

sabem qual é. E é óbvio que isso foi bem comunicado, porque a comunicação nessa escola é impecável. Mas enfim, vocês viram nossos bebedouros? Temos um *ótimo* sistema de filtragem...

Ou porque há um canteiro de obras ao lado do refeitório.

— Eu me lembro de ter lido a respeito no site da escola — diz a titia do lenço verde com uma careta discreta. Paramos do lado de fora das cercas de arame, e até eu tenho que admitir que a vista não é das melhores. Não há nada além de entulho, coberturas plásticas e alguns postes espalhados. Enquanto olhamos, uma bola de feno literalmente rola à distância. — É para o novo centro esportivo e de recreação, não é? Achei que era para ter sido concluído há dois anos.

— Certo. *Isso*. — Meu sorriso se alarga em proporção direta ao meu pânico. Não sei como dizer a ela que, sim, o centro de esportes e recreação foi concluído há dois anos. Mas ele tinha um pequeno problema nos banheiros. Para ser mais específica, os sanitários foram todos construídos virados para o lado, em vez de para a porta, de modo que não era possível sentar-se neles sem bater o nariz. No início, a escola pediu que fôssemos gratos e flexíveis e que encarássemos isso como uma experiência de aprendizado, mas depois que Georgina Wilkins se machucou em uma das cabines e ameaçou processar, eles decidiram que era melhor reconstruir o centro do zero. — Tiveram alguns atrasinhos — comento —, mas é porque queriam deixar o centro ainda maior e melhor. Tem alguns recursos *bastante* empolgantes a caminho, incluindo um campo de minigolfe no telhado, uma piscina e três academias privativas. Mas, como vocês sabem, a excelência leva tempo.

A titia pondera por alguns instantes e, para meu alívio, deixa para lá.

Finalmente estamos voltando para os portões da escola. Os alunos começaram a chegar e estão se despedindo dos pais na calçada, balançando as mochilas nos ombros e mandando mensagens para os amigos. Julius também está lá. Ele está parado em frente às titias, com o cabelo penteado brilhando na luz laranja crescente, com a pele perfeita, uniforme perfeito e postura perfeita. Só de vê-lo, tenho vontade de socar alguma coisa bem dura — de preferência, a mandíbula dele.

— Com certeza vamos matricular nossa filha aqui — diz uma das titias. — Se você é o padrão dos alunos de Woodvale, então essa é a escola perfeita.

Sinto a raiva me atingir como um raio, a eletricidade crepitando em minha espinha. A sensação piora quando Julius olha para mim, como se quisesse ter certeza de que eu estava ouvindo.

— Foi um prazer — responde ele de forma suave.

— Não, não, o prazer foi todo meu — retruca a titia em mandarim, e fico boquiaberta. É a mesma titia que me respondeu em inglês mais cedo. Isso pode não significar nada. Ou com certeza significa que ela gosta mais de Julius e se sente mais à vontade com ele e confia nele, por mais que fosse mais seguro confiar em alguns líderes de esquemas de pirâmide do que nele. — Não poderíamos ter pedido um guia melhor. De verdade.

Ainda olhando para mim, Julius sorri.

— Fico *tão* feliz em ouvir isso.

Mordo a língua, reprimo todos os impulsos de violência e aceno para as titias quando elas vão embora. Assim que o barulho dos saltos se dissipa, corro para a primeira aula: história. Infelizmente, essa também é a primeira aula que Julius e eu temos juntos no dia, e não demora muito para que ele me alcance.

— Até que correu bem, não? — pergunta ele, a voz pairando sobre mim.

— Foi? — retruco, empurrando as portas de vidro do prédio de ciências humanas com um pouco mais de força do que o necessário. Estou meio que torcendo para que elas balancem e caiam em cima dele, mas, é lógico, ele segura as portas com facilidade com só uma das mãos e entra logo depois de mim.

— Quis dizer que correu bem para *mim* — explica ele. — As duas vão matricular os filhos aqui. Aposto que a sra. Hedge vai ficar muito feliz ao saber disso. Ela devia saber que eu era a melhor pessoa para essa tarefa, mesmo que, eu suponho, você também tenha feito algumas contribuições limitadas.

Eu murmuro algo não deveria ser repetido.

— Como é que é? — Quase posso ouvir o sorriso de satisfação na voz dele.

— Nada. Eu só disse que vamos nos atrasar se continuarmos conversando.

— Bem, ao contrário de você, não tenho problemas em fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

*Pense em coisas boas*, digo a mim mesma enquanto abro o próximo conjunto de portas. Em minha mente, não estou mais andando por esses corredores lotados, ouvindo o sinal que indica a hora de ir para a aula. Nem mesmo estou mais nesta cidade. Eu me formei com honras, como oradora da turma e capitã da escola, obtive meu diploma em Berkeley e comprei uma casa enorme em uma cidade grande para minha mãe e meu irmão mais velho, Max (o ideal seria que ele tivesse conseguido encontrar um emprego por conta própria depois de terminar a cara faculdade de ciências do esporte, mas o objetivo é pensar em metas alcançáveis, não em realidades alternativas). Na nova casa, há mais janelas do que paredes e, ao amanhecer, a luz do sol ilumina tudo em um tom dourado. Teremos vasos cheios de jasmims frescos, morangos cobertos de chocolate para a sobremesa e almoços ao ar livre em nosso jardim. Minha mãe continuará tocando a padaria, mas sem precisar trabalhar doze horas por dia, e teremos funcionários o suficiente para dar conta do trabalho, então só iremos lá pegar pãezinhos de taro e rolinhos de atum quentinhos do forno.

Seremos apenas nós, e não precisaremos de mais ninguém. Nossa vida será melhor do que era quando meu pai estava por perto. Farei tudo o que ele não fez, serei a provedora que ele não foi. Farei tanto que ninguém mais sentirá sua ausência em nossa sala de estar como um fantasma silencioso. Talvez mamãe até volte a sorrir de novo.

Tudo o que tenho que fazer para que essa vida nova finalmente comece é suportar esses últimos meses. Entregar todas as lições de casa no prazo, ir bem em todas as provas que faltam e continuar deixando os professores felizes para que eu possa manter minha oferta condicional de admissão em Berkeley. Abigail gosta sempre de enfatizar a parte da *admissão*, mas estou mais preocupada com a parte *condicional*.

Então. Só mais alguns meses disso.

O que parece bastante simples, mas, ao pensar nisso, sinto uma pressão que se assemelha a um peso real esmagando minhas costelas. Tenho que me firmar antes de entrar na sala de aula, respirar pelas narinas, balançar levemente para cima e para baixo nas pontas dos pés, como faço antes de uma corrida. Não ajuda o fato de a sala ser iluminada demais, barulhenta demais, com todo mundo se espreguiçando em volta das carteiras e falando no volume mais alto possível.

Julius para bem ao meu lado.

— Que foi, não vai entrar? — Os cantos de seus lábios estão curvados do mesmo jeito condescendente de sempre, mas ele me observa por mais um instante, como se estivesse tentando compreender algo.

— Vou — respondo, ignorando o aperto no peito e passando por ele.

Dou apenas dois passos antes de um rosto sardento saltar em meu campo de visão. Rosie Wilson-Wang. Ela é uma daquelas pessoas que sabem muito bem o quanto são bonitas e usam isso a seu favor. Ela também é a garota que copiou meu projeto da feira de ciências no ano passado sem me contar, e depois recebeu um A+ por ser “inovadora” e “criativa”.

— Sadie — exclama ela, entusiasmada, o que por si só já é um mau sinal. Deixando de lado o projeto de ciências, Rosie e eu temos uma boa relação, mas isso é só porque tornei minha missão ter uma boa relação com todos. Ou ao menos fazer parecer que tenho.

— E aí? — falo.

— Você veio com o Julius? — Ela olha para ele com o que parece ser uma admiração desnecessária, depois acrescenta: — Ele é incrível, não é?

Não sei se devo rir ou vomitar. Acho que a prova de que escondo bem meus verdadeiros sentimentos é que ninguém além da Abigail suspeita o quanto eu o odeio.

— Humm — murmuro.

— O cabelo dele está muito bonito hoje. — Ela o segue com o olhar enquanto ele se senta na frente da sala. — Tipo, parece tão macio? — É um pouco preocupante o fato de ela ter escolhido vocalizar isso como uma pergunta. Implica um desejo de descobrir a resposta.

— Desculpe — digo, tentando não parecer muito incomodada. — Você ia me perguntar alguma coisa?

— Certo, sim. — Ela sorri para mim. — Eu só estava pensando se poderia me emprestar suas anotações.

— Ah. Com certeza. De história, você quer dizer, ou...

— De todas as aulas de história do semestre até agora — responde ela, rapidamente. — Sabe, por causa da prova do mês que vem? É, tipo, de fato, eu poderia, teoricamente, usar minhas anotações, mas as suas são muito mais abrangentes e organizadas.

— Ah — repito. — Sim, acho que eu poderia...

— *Perfeito* — exclama ela, apertando meu pulso. As longas unhas de acrílico arranham minha pele, mas eu fico em silêncio. — Você é uma santa, Sadie. Salvou a minha vida. De verdade.

O elogio desce pela minha garganta como um xarope. Está me aquecendo por dentro, me fazendo sentir vergonha por me agarrar a esses pequenos pedaços de validação, do tanto que quero ser validada, fazer todo mundo feliz. Às vezes, acho que, se me pedissem com muita gentileza, daria um dos meus braços.

Rosie vai até sua mesa, perto da janela, onde seu grupinho de amigas mais próximas está sentado. São todas lindas, a maioria dança e uma parte significativa delas é influenciadora. Ontem, uma delas publicou um vídeo de dez segundos de si mesma diante de um espelho balançando a cabeça. O vídeo recebeu setenta mil curtidas, e os comentários estavam lotados de pessoas implorando para serem adotadas por ela ou para que ela as atropelasse com seu Porsche.

— Aliás — Rosie chama por cima do ombro —, você poderia digitalizar as anotações em cores e classificar por data e tópico? E poderia acrescentar os simulados de redação, também? Pode mandar tudo no meu e-mail da escola até hoje de noite...

— Ei, pode mandar pra mim também? — Uma das amigas dela, a própria influenciadora que balança a cabeça, pisca para mim.

— Pra mim também, por favor, aproveitando — exclama outra amiga.

Assinto uma vez, discretamente, e todas elas voltam a cabeça para rir de alguma coisa em seus celulares.

— Obrigada — diz Rosie, sem voltar a erguer a cabeça. — Muito amor.

Engulo em seco, o elogio anterior ameaçando voltar à tona. Mas tudo bem. Não é nada demais. Com certeza não tenho por que me irritar. Faço uma anotação mental para correr até a gráfica da escola esta tarde antes de ir para a padaria da minha mãe. Isso atrasará minha agenda já apertada em cerca de trinta minutos, o que significa que terei de encurtar minha corrida noturna para apenas oito quilômetros ou jantar enquanto estudo, ou talvez as duas coisas, mas, de verdade, não tem problema.

Respiro fundo mais uma vez, embora soe tenso aos meus próprios ouvidos e um pouco frenético, como alguém que ficou muito tempo debaixo d'água e retorna à superfície em busca de ar antes de voltar a mergulhar.

Não é nada demais.

Eu já peguei meu caderno e anotei a data de hoje quando Abigail Ong entra como se não estivesse sete minutos atrasada.

Eu pediria a ela que pelo menos *tentasse* ser mais sutil, mas seria pedir o impossível. Abigail é basicamente um ponto de exclamação ambulante que brilha no escuro, com seu cabelo prateado platinado, saia rodada e coturnos de salto plataforma que, na verdade, mais se parecem pernas de pau estilosas. Eles batem no carpete quando ela vem em minha direção. A sra. Hedge a repreendeu várias vezes por não usar sapatos escolares adequados, mas Abigail acabou escrevendo uma redação de cinco páginas argumentando que suas botas de fato *atendiam* a todos os requisitos para sapatos escolares, com uma bibliografia completa e tudo mais. Acho que ela nunca se esforçou tanto em nenhuma outra redação.

— Cheguei — anuncia Abigail para a classe.

Nossa professora de história, a sra. Rachel, levanta o olhar de sua mesa.

— Que bom. Sente-se, Abigail. — Nenhum outro professor seria tão tranquilo com relação a isso, mas essa é uma das razões pelas quais a sra. Rachel é amplamente adorada. Os outros motivos seriam ela estar na casa dos vinte anos, dar festas temáticas de Natal regadas a pizza no final de cada ano letivo e seu sobrenome ser também um nome próprio, criando assim a ilusão de que estamos tratando-a casualmente pelo primeiro nome.

— Estou cedendo metade da aula para que vocês possam trabalhar nos projetos em grupo — explica a sra. Rachel para Abigail. — É óbvio que, como o *prazo* é até as nove horas, presumo que vocês já tenham terminado. Mas gosto de ser generosa.

Abigail finge bater continência para a professora e depois se acomoda na cadeira ao meu lado.

— Olá, meu bem — diz ela. Começou a chamar as pessoas de *meu bem* de forma irônica no ano passado, mas o vocativo parece ter entrado em seu vocabulário permanente. O mesmo vale para *videocassetadas*, *p da vida* e a frase inventada por ela, *derrubar a peteca*.

Termino de sublinhar a data com a régua para que fique perfeitamente reta. Esse é o meu vício.

— Oi — digo. — Por acaso eu quero saber por que você está atrasada?

— Por que mais? Minha irmã brigou com o Liam de novo, então ele cancelou de última hora. Tive que andar três quilômetros e meio até aqui com esses saltos. — Ela ergue as botas para dar ênfase.

— Você já pensou em, sei lá, *não* depender do namorado ioiô da sua irmã para se deslocar todos os dias?

— O Liam dirige uma Lamborghini.

— E daí?

— E daí que gosto de carros caros.

Bufo.

— Você é tão capitalista.

— Gosto de pensar que estou apoiando as pessoas que contribuem para a nossa economia.

— Encerro o caso por aqui. E não é como se ele tivesse comprado o carro com o próprio dinheiro — ressaltou. — Ele é um *fuerdai*. Os pais devem ter dado de presente de vinte anos para combinar com a casa de praia nova que compraram em Sanya. Mas independentemente do dinheiro, eu tenho a sensação de que ele é um sinal de alerta ambulante.

Abigail ergue a mão em protesto.

— Ele não é...

— Ele tem, literalmente, um sinal de alerta no carro.

— Tudo bem, mas você diz isso de todo e qualquer cara — retruca Abigail. — Não confia em nenhum deles.

E talvez ela esteja certa. Com certeza não confio em Liam, mas preciso dar a ele o devido crédito: é por causa dele que Abigail e eu nos tornamos amigas. Quando ele começou a trazer Abigail para a escola três anos atrás, alguém interpretou a situação de maneira equivocada e espalhou o boato de que Abigail estava namorando um cara bem mais velho por dinheiro. E assim como toda fofoca em Woodvale, essa chegou nos ouvidos de todo mundo — incluindo os das recepcionistas — antes do fim do segundo tempo de aulas. Apesar de nunca termos trocado mais do que algumas poucas palavras até então, não consegui me segurar para não passar no armário dela durante o intervalo e perguntar se estava bem.

E, para o meu choque, ela estava. Achou a coisa toda engraçada demais. O fato de ela não se importar com o que os outros achavam me surpreendeu, ainda mais numa situação que parecia saída dos meus piores

pesadelos; ela ficou surpresa por alguém se importar com uma pessoa aleatória e sacrificar seu tempo livre para confortá-la.

Então, passamos o intervalo conversando e também a aula seguinte e o resto das aulas do dia. Fez sentido, então, trocarmos números e continuarmos a conversa de casa.

— Estou dizendo, ele não é uma pessoa ruim. Eu tenho tipo, uma intuição muito boa pra essas coisas. Previ certinho o término de todos os casais do nosso ano até agora, não? — argumenta. Revira a mochila e juro que ouço algo se quebrando lá dentro. Ela tira um lápis quase sem ponta, folhas soltas e amassadas do ano passado, um pacote de gelatinas de minhoca e a marmita com o almoço do dia. A mãe dela deve ter preparado; o pão está sem cascas, as cenouras estão cortadas em formato de coração, e tem um bilhete que diz *Você é uma estrela!* Os pais dela acreditam fortemente no poder das afirmações positivas, mas também acreditam fortemente no poder de Abigail. Antes de visitar a casa dela, eu achava que esse tipo de amor e apoio incondicional só existia em seriados antigos. — E como foi o tour com as famílias?

— Eu perdi — digo com rancor. Mantenho a voz o mais baixo possível, porque prefiro morrer a permitir que Julius me ouça admitindo derrota.

— Você perdeu? — repete Abigail, rindo. — Não tem como *perder* um...

— Tem sim. Eu perdi. Perdi mesmo.

— Você é tão ridícula — responde ela. Eu me sentiria afrontada se isso viesse de qualquer outra pessoa, mas Abigail só gosta de implicar com um seletivo grupo de pessoas que julga importantes. Todos os outros são como ruído branco, moscas, montinhos de poeira; aos olhos dela, é como se não existissem. — Bom, ao menos você não precisa mais se preocupar com o projeto em grupo. Já deve ter acabado, imagino, como a pessoa insanamente organizada que é?

— É lógico. Você sabe como eu funciono. — Cada vez que recebo um prazo, estabeleço um outro prazo pra mim mesma, pelo menos uma semana antes. Foi por isso que passei os dois primeiros dias das férias de inverno finalizando minha parte do projeto da Era dos Senhores da Guerra da China, que inclui uma dissertação de quatro mil palavras, uma animação feita a mão da guerra Zhili-Anhui e um mapa interativo das muitas fotos. A carga de trabalho foi estressante, sim, mas só me sinto

calma quando estou adiantada. — Só preciso que meu grupo me passe os resumos de cada um, e então podemos entregar.

Abigail ergue a cabeça e olha para os membros do meu grupo, Georgina Wilkins e Ray Suzuki, que estão vindo até nossas mesas.

— Hum, não me parece que estejam trazendo nada. Está preocupada?

Franzo a testa. Os dois *estão* de mãos vazias e, conforme passam por entre as mesas, consigo ver o sorrisinho acanhado no rosto de Georgina.

Um mau pressentimento revira minhas entranhas.

Ainda assim, estou disposta a dar o benefício da dúvida.

— Ei, tudo bem com vocês? — pergunto, porque me parece grosseria pedir para ver os resumos logo de cara.

Mas Ray não parece nem um pouco preocupado com cordialidades.

— Nós não fizemos — diz, na lata.

Eu pisco. Teria sido mais fácil me dar um soco na barriga.

— Eu... vocês não fizeram... o resumo?

— Não — responde, enfiando as mãos nos bolsos.

— Tá bom. — Ouço um zumbido fraco nas orelhas, quase um ganido. Faço o que posso para recalibrar. Manter a calma. Manter a simpatia. Manter o foco.

— Tá. Tá bom, hum. Tudo bem se vocês não terminaram... talvez possam me mostrar o que têm, e...

— Eu não fiz nada — retruca ele.

Outro soco, ainda mais forte que o anterior. Se eu estivesse em pé, estaria cambaleando para trás.

— Certo. E tem um *motivo*, ou...

Ele me olha nos olhos.

— Não sei. Acho que não sabia como fazer. Ou tipo, o que era pra gente fazer, sabe?

— O resumo — consigo dizer. *O resumo que eu já tinha escrito pra você, acrescento em minha mente. Palavra por palavra. O que pedi pra você copiar no modelo que criei e imprimi e entreguei na sua casa pessoalmente na chuva de inverno no primeiro dia das férias do semestre, para que você fizesse quando tivesse tempo. Aquele resumo?* — Eu achei... quer dizer, enfim — digo, vendo o olhar de indiferença dele. — Tudo bem. E você, Georgina?

Georgina faz um gesto que me lembra uma flor murchando.

— Eu tentei começar, juro, mas tipo, meu rosto ainda está doendo de quando bati o nariz na porta do banheiro.

— Você tinha dito que estava melhor — retruca Ray.

Georgina lança um olhar rápido e duro na direção dele, então se vira para mim, os olhos escuros brilhando de emoção.

— Eu pioro quando tenho que fazer os deveres, é tipo, muito azar. Queria fazer mais pra ajudar, mas...

*Mantenha a calma.* Eu entoo para mim mesma. Flexiono tanto os músculos no braço que eles começam a doer e então, bem devagar, me forço a relaxar de novo. Repito esse movimento até que a vontade de matar alguém passe.

— Não é culpa sua — falo para ela, olhando para o relógio. Faltam dezoito minutos até o prazo. Tenho dois resumos para escrever, ou seja, nove minutos para cada um. Oito minutos, se eu quiser revisar tudo antes de entregar. — Querem saber? Posso fazer o resto sozinha. Não tem problema.

Esperava mais resistência, mas eles se afastam rápido, como se tivessem acabado de jogar uma granada no meu colo.

Mas não tenho tempo de me preocupar com eles. Esse é o *meu* projeto. É minha nota que está em jogo. Um único erro e toda minha média ponderada vai cair, e Berkeley não vai mais me querer. Arregaço as mangas o máximo que posso, então abro o meu computador de estudos para encontrar minhas anotações. Faltam dezessete minutos. Por alguns instantes, enquanto encaro as palavras pequenas que carregam na tela, as dezenas de abas abertas, me sinto tão sobrecarregada que poderia engasgar. As palavras ficam fora de foco a todo instante; minha visão está embaçada.

Não consigo pensar em nada.

Então percebo, pela visão periférica, que Julius está me observando, e é como se recebesse uma carga de eletricidade. Tudo volta a entrar em foco. Não vou permitir que ele tenha a satisfação de me ver passando por dificuldades. Eu me recuso.

Com uma calma calculada e fingida, pego a caneta e começo a copiar o resumo.

Pelos dezessete minutos seguintes, não me movo, não falo e nem mesmo ergo a cabeça até ter escrito tudo, até a última palavra. Então, um suspiro de alívio percorre todo meu corpo, até os músculos doloridos e

dedos duros. Foi por pouco. Por *muito* pouco. Da próxima vez, é mais seguro fazer tudo sozinha.

— Obrigada, Sadie — diz a sra. Rachel quando recolhe nosso projeto. — Mal posso esperar pra ler esse. A Era dos Senhores da Guerra é *fascinante*, sem sombra de dúvidas. Era um dos meus temas favoritos na faculdade.

Finjo que isso é uma novidade para mim, uma coincidência feliz. Finjo que não passei horas pesquisando a vida dela on-line e lendo uma velha entrevista que ela deu à revista dos estudantes da faculdade, em que mencionou seu interesse pela Era dos Senhores da Guerra. Finjo que não escolhi esse tópico em específico só para apelar ao gosto pessoal dela.

Abigail se refere afetuosamente a comportamentos como esse como minhas *tendências sociopatas*.

— Vou até minha sala rapidinho guardar os trabalhos — fala a sra. Rachel, apontando para a pilha de papeis em seus braços. — Volto em cinco minutos. Pode ficar de olho na sala enquanto eu for?

— Com certeza.

— Ótimo. Sempre posso contar com você. — A sra. Rachel sorri para todos como se fossem especiais, mas, de alguma forma, ainda consegue fazer parecer verdadeiro quando sorri para mim.

Assim que ela sai porta afora, a sala vira um verdadeiro caos: as pessoas se recostam em seus assentos, colocam os pés nas mesas, esticam os braços em bocejos altos e de boca aberta. As conversas abafadas dão lugar a gargalhadas e gritos por toda a sala.

Antes que eu possa fazer alguma coisa, recebo um alerta na caixa de entrada de e-mails da escola.

*Novo e-mail.*

Meu coração dispara. Estou rezando para que seja uma resposta do sr. Kaye, nosso professor de matemática; enviei um e-mail desesperado depois da meia-noite de ontem sobre uma das perguntas bônus. Infelizmente, ainda tenho todas as minhas guias abertas e meu laptop velho está protestando com todas suas forças; tenho que clicar na minha caixa de entrada umas vinte vezes antes que a roda giratória com as cores do arco-íris desapareça. Então, dou uma olhada no nome do remetente e minha esperança se transforma em raiva.

É do Julius.



*Só para você saber, a sra. Rachel deu uma olhada no nosso projeto de grupo mais cedo e disse que estava, e eu cito, “fenomenal”. Estou te avisando agora para que você não fique tão chocada quando nossas notas chegarem e a minha for maior que a sua. Sei como você fica irritada toda vez que eu ganho.*

*Atenciosamente,*

*Julius Gong, capitão da escola*

Ergo a cabeça, meus olhos indo direto até ele, mas ele está de costas, conversando com a garota bonita sentada ao seu lado. Enquanto ele ri, sou tomada pelo desejo visceral de ir até lá e sacudi-lo pelos ombros, cravando as unhas em sua pele macia.

Quero deixar uma marca permanente. Quero que ele *sinta*, que se machuque. Quero destruí-lo.

— Sadie. — A voz de Abigail soa a mil quilômetros de distância, embora ela esteja sentada ao meu lado. — Hum, tem uma veia na sua têmpora que parece que deve ser examinada por um profissional de saúde.

Quando não respondo, ela se inclina sobre mim e lê o e-mail na tela.

— Caramba — resmunga —, aquele garoto realmente fez da missão de vida dele irritar você.

Dou uma risada que mais parece que estou sendo estrangulada.

Do outro lado da sala de aula, ele ainda está rindo com a outra garota.

*Coisas boas*, lembro a mim mesma. *Pense em coisas boas. Seu futuro.*

Mas quando tento evocar a imagem da casa gigante com os cômodos iluminados pelo sol e as cortinas macias, tudo o que se materializa é o rosto zombeteiro de Julius, seus olhos negros como breu, maçãs do rosto altas e lábios curvos. Lindo e horrível, como aquelas flores chamativas que você encontra desabrochando na natureza e que, na verdade, são carnívoras.

Então, em vez disso, estendo os dedos sobre o teclado e começo a digitar com uma pressa furiosa, socando cada letra com os dedos.

Esse é meu recurso final, meu santuário, o antídoto para minha raiva.

Porque eu sei melhor do que ninguém que não sou nenhuma santa. Nem perto disso. Gosto de liberar toda a minha raiva na pasta de

rascunhos do meu e-mail, onde posso ser tão dura, mesquinha e implacável quanto quiser, porque também sei que nunca terei coragem de enviá-los. Quando escrevo, libero tudo o que me vem à mente.

*Julius,*

*Só pra VOCÊ saber, vou guardar esse e-mail como prova para que, quando recebermos as notas e a minha obviamente for maior que a sua, você saiba qual a sensação de morrer pela boca. Mal posso esperar por esse dia. Mas também, mesmo se estivermos empatados, eu não acho que você tenha motivos para cantar vitória. Só conseguiu finalizar seu projeto porque tem pessoas inteligentes que nem o Adam no seu grupo, e só tem o Adam no seu grupo porque fez aquele discursinho ridículo para a professora, dizendo que queria mudar as coisas e se conectar com novos colegas, para que ela deixasse você escolher.*

*A professora, as mães que vieram visitar a escola hoje de manhã e todas as outras pessoas nesse colégio podem até comprar suas ladainhas, mas eu sei quem você é, Julius Gong. Você é desesperado por atenção, egocêntrico e de uma vaidade insuportável, você gosta de usar o cinismo como um troféu; você é o tipo de criança que rouba um brinquedo no parquinho não porque desejava tê-lo, mas porque outra criança queria.*

*Além disso, seu penteado é ridículo. Você pode até achar que parece natural e simples, mas aposto que passa horas arrumando o cabelo de manhã com um pente bem pequenino, para que essa única mecha caia em um ângulo perfeito por cima do seu olho esquerdo. Do fundo do coração, espero que seu pente quebre e todos os produtos caros que você tem usado para fazer seu cabelo parecer tão macio acabem. Tenho certeza de que ele não é tão macio, porque não tem nada de suave em você, em nenhum...*

— Bom dia, sr. Kaye!

O nome me traz de volta à realidade. Ergo os olhos do computador e vejo o sr. Kaye passando pelo corredor, a mão erguida em cumprimento.

Salvo o rascunho depressa. É o quinquagésimo sétimo rascunho que tenho. A maioria deles é endereçado a Julius, mas escrevi alguns outros para colegas de classe e professores que tornaram minha vida mais difícil no passado.

— Sr. Kaye — chamo, levantando com tanta pressa que bato o joelho na mesa —, sr. Kaye, espere... — Reprimo a dor e saio apressada pelo corredor atrás dele.

— Sadie — responde ele, me olhando com a paciência forçada de um avô que tenta agradar a neta com energia demais. Ele deve ter idade o

suficiente para ser meu avô, apesar de ser difícil afirmar por causa dos cabelos tingidos de preto.

— Desculpa incomodar — digo —, mas você recebeu o...

— E-mail que você mandou? — completa ele por mim. Ao contrário dos cabelos, as sobrancelhas são grisalhas. Elas se erguem devagar em sua testa larga. — Sim, recebi. Você costuma ficar acordada até uma da manhã com frequência?

— Não, é óbvio que não. — Costumo dormir bem mais tarde do que isso, mas não tem por que preocupá-lo. E a última coisa que preciso é que isso evolua para uma conversa acerca da minha rotina de sono nada saudável. Só quero saber se minha resposta estava ou não certa. — Na pergunta seis...

— O livro estava errado — explica. — Não se preocupe, Sadie, seus cálculos estavam completamente corretos. A resposta deveria ser noventa e dois. Vou mencionar durante a aula, se bem que duvido que alguém além de Julius tenha tentado fazer as perguntas extras.

*O livro estava errado.* A combinação de palavras mais bonita na face da terra. É como se alguém tivesse injetado a luz do sol nas minhas veias. Estou tão aliviada, tão eufórica, que nem me importo com a menção a Julius.

— Ai, meu Deus, que bom — respondo, conseguindo ser honesta ao menos uma vez. — Isso... Obrigada, sr. Kaye. Refiz os cálculos tantas vezes; tentei, tipo, oito métodos diferentes.

— Aposto que sim — endossa ele, e dessa vez os cantos de sua boca se erguem como se estivesse diante de uma leve diversão. — Isso era tudo?

— Sim. — Gaguejo, meu rosto se transformando com um sorriso. — Sim, obrigada de novo. Você não faz ideia... ganhei meu dia agora.

Ainda estou sorrindo quando retorno, meu coque alto balançando, com passos leves. Pode ser que a manhã tenha começado um pouco estranha. Não tem problema. Tudo está bem agora.

Eu nem me importo com o fato de a classe estar um caos ainda maior, ou de que Rosie e as amigas empurraram algumas mesas para trás, incluindo a minha, para gravar um vídeo girando no lugar sabe-se lá por quê. Espero até acabarem e coloco as mesas de volta no lugar.

— Seu humor mudou do nada — diz Abigail, analisando meu rosto. — O sr. Kaye te deu algum prêmio em dinheiro ou coisa do tipo?

— Melhor do que isso. O livro estava errado. — Dou um suspiro feliz.  
— Eu estava certa.

Quando volto a me sentar, noto, vagamente, que meu laptop parece estar em uma posição diferente. Fico parada com a testa franzida. Eu poderia jurar que tinha abaixado a tela quase até o fim, e não até a metade. Mas então a sra. Rachel retorna com informações importantes para o nosso próximo teste, e eu esqueço todo o resto. Estou concentrada demais em planejar minha próxima jogada para derrotar o Julius.

## Capítulo três

**Às vezes, o corpo se dá conta** antes mesmo que a própria mente.

Estou toda arrepiada ao longo do caminho até o refeitório da escola para o almoço, apesar de não saber o *porquê*. Na superfície, tudo parece igual: o ar friozinho, os alunos fazendo fila do lado de fora para comer bagels fresquinhos e chocolate quente, soprando as mãos e usando seus cachecóis azuis e brancos mais apertados em volta do pescoço enquanto esperam.

Mas há algo de diferente. Algo mudou.

— Você tá sentindo isso? — pergunto para Abigail quando chegamos ao final da fila. O sol está mais alto no céu, lançando amplas faixas de luz dourada sobre o pátio.

— Sentindo o quê?

— Não sei — murmuro, olhando ao redor. Meus olhos se fixam em uma garota de uma série abaixo da nossa. Ela me olha por um tempo, como se buscasse uma confirmação, antes de desviar a cabeça e sussurrar algo para a amiga, a mão cobrindo a boca. *Ela não está falando de você*, digo a mim mesma. *Não tem, literalmente, motivo nenhum pra falar de você*. Mas a sensação de enjoo se espalha pelo meu corpo.

— Eu... tô com a sensação de que as pessoas estão encarando.

— Deve ser porque somos lindas. — Abigail joga o cabelo brilhante por cima do ombro. — Eu também ficaria olhando pra gente.

— Sua autoconfiança é inspiradora — retruco —, mas, não sei por que, duvido que seja isso...

Andamos um pouco e ocorreu mais uma vez. Outra garota me olha nos olhos e depois desvia o olhar.

— Ah, meu bem, você é a capitã da escola — comenta Abigail. — As pessoas vão reparar em você, certo? Achei que já estivesse acostumada.

E as pessoas de fato reparam em mim. Foi por isso que fiz tanta campanha para ser eleita capitã da escola, antes de mais nada, por isso que me dediquei a fazer discursos em assembleias, enviar lembretes em massa sobre eventos de arrecadação de fundos e pesquisas com os alunos que o diretor só finge ler. Bem, por isso e porque sabia que seria ótimo para minha inscrição em Berkeley, e porque ouvi dizer que o Julius estava concorrendo a capitão, e eu tinha que fazer tudo o que ele fazia. Mas, neste momento, as pessoas estão fazendo mais do que *reparar* em mim. Em minha visão periférica, vejo alguém com quem nunca falei antes apontar o dedo bem na minha direção.

— Certo — digo, minha inquietação aumentando. — Pode ser paranoia minha, mas eu acho, de verdade...

— Que *merda* é essa?

Eu me viro e me deparo com Rosie, dentre todas as pessoas, marchando em nossa direção. Não, na minha direção. Ela vem estreitando os olhos, com o celular em uma das mãos. Ela só tem um metro e meio, tão pequena que, por vezes, nossos colegas de classe gostam de levá-la por diversão, mas não há nada de pequeno ou delicado nela quando para com firmeza à minha frente.

Me dá um branco total. Tudo o que consigo pensar é: *o que está acontecendo?*

— Tem alguma coisa que você queira, tipo, dizer na minha cara? — pergunta, a voz dura e cheia de acusação. — Você tem algum problema comigo, Sadie?

— O quê? — Fico olhando para ela. As engrenagens da minha cabeça ainda estão girando sem parar, tentando chegar a uma única razão pela qual Rosie deixaria de me chamar de santa e passaria a agir como se eu tivesse atropelado o cachorro dela no intervalo das aulas. É por causa das anotações? Será que ela queria que eu as enviasse antes? Mas não pode ser só isso. De perto, vejo que a boca dela está tremendo, todos os músculos da mandíbula contraídos. — Eu não... Claro que não. Não tenho nenhum problema com você...

— Achei que você era gente boa. — Ela está falando cada vez mais alto, a raiva distorcendo suas feições. — E mesmo que tivesse uma treta comigo, deveria ter falado *em particular* antes de sair espalhando pra todo mundo.

O pátio está em silêncio, todos se virando para olhar.

— Não sei o que está acontecendo — digo, meio suplicante. O ácido se agita no meu estômago. Odeio quando as pessoas ficam bravas comigo. Odeio, odeio, não consigo suportar. — Juro, deve ser um mal-entendido...

— É, tá bom.

— Não estou...

— Jura que vai fingir que não foi você?

— *Ei* — protesta Abigail, dando um passo à minha frente, com o braço erguido para me proteger. Mas mesmo assim, estou tremendo, meus dentes batendo tão forte que posso sentir o eco reverberando em meu crânio. Quero me encolher até desaparecer no chão. *Não fique brava, quero dizer, por mais patético que pareça. Não sei o que está acontecendo, mas, por favor, não fique brava.* Porque pode ser que seja a Rosie aqui agora, mas em minha mente é outra pessoa. Passos saindo da sala de estar e a porta batendo como um trovão, o barulho do motor, depois o silêncio horrível e esmagador.


É isso que acontece quando as pessoas ficam com raiva. Elas vão embora para sempre e se esquecem de você, e não há como voltar atrás.

— Foi ou não foi você — ameaça Rosie, segurando o celular perto do meu rosto — que escreveu isso?

Com dificuldade, vejo o e-mail carregado na tela e sinto o mundo sumir debaixo dos meus pés.

Consigo ouvir minha respiração irregular, o sangue pulsando em meus ouvidos.

Reconheço cada palavra, porque fui eu, de fato, que escrevi. Consigo até me lembrar de onde estava, encostada na parede do quarto e furiosa. Rosie tinha enviado um e-mail em massa para todos do nosso ano falando de uma festa para comemorar a vitória na feira de ciências. *Acho que vocês podem me chamar de nerd, agora*, brincou ela. E quando dei por mim, estava digitando uma resposta mais rápido do que meus dedos conseguiam acompanhar. *Essa resposta:*



*Se você vai roubar o projeto de alguém e ficar com todo o crédito, poderia pelo menos ter a decência de não se exhibir por aí como se tivesse sido sua obra. Desde quando você liga pra ciência? Desde quando você liga pra qualquer matéria da escola? Passa a maior parte*

*das aulas trocando mensagens, fazendo compras on-line e assistindo a vídeos de gatos e, quando chega a hora do trabalho, decide que pode roubar tudo o que fiz? Não é porque eu não disse nada na época que eu não sabia...*

— Então? — pergunta Rosie.

— Não era pra ser enviado — sussurro, os dedos formigando. Meu corpo inteiro está dormente. Não era para ser enviado. Não era. *Não pode ter sido*. O e-mail deveria estar nos rascunhos, para que só eu pudesse ver. Mas a verdade está me encarando de frente. Sabe-se lá por qual motivo, meu rascunho foi enviado, e não apenas para ela. Ele foi enviado por meio da opção Responder a Todos, o que significa que todos os destinatários de seu e-mail original, todos do nosso ano, receberam aquela mensagem.

E, então, uma nova e assustadora possibilidade se apresenta para mim.

É tão terrível que meu coração fica apertado. Sinto meu sangue gelar.

*Ai, Deus...*

As pessoas se agitam, e o último ser humano que eu queria ver na face da terra surge. Ele nem precisa forçar a passagem; é só andar de cabeça erguida e todos abrem caminho, oferecendo todo o espaço de que precisa.

Julius passa por Rosie e Abigail como se elas nem estivessem lá e para diante de mim. Seus olhos brilham, pretos, mas o resto de suas feições é puro gelo. E, de uma só vez, meus piores temores se confirmam.

— Sadie — diz ele, a voz mais rouca do que o normal. Ele diz meu nome como se fosse um veneno, como se pronunciá-lo fosse custoso. — Venha comigo.

Em seguida, ele se afasta, sem nem olhar para trás para verificar se eu realmente o estou seguindo.

Eu o sigo.

Não queria, mas era isso ou ficar para trás e deixar Rosie gritar comigo enquanto todos encaravam.

Sinto meu rosto queimar quando Julius enfim diminui a velocidade nos jardins da escola. Estamos a uma boa distância da lanchonete e das quadras de basquete, e não há mais ninguém por perto. É bonito aqui, conseguindo reconhecer em meio ao pânico, com a hera se espalhando sobre as cercas e as rosas de inverno florescendo ao fundo. Tem até um

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tudo o Que Eu Não Te Disse Ann Liang" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).